

A Representação de um Brasil em transição: *A Mocidade de Trajano*, de Visconde de Taunay

Rosana de Oliveira Prado dos Santos¹ - UFGD
Alexandra Santos Pinheiro² - UFGD

RESUMO: Este artigo pressupõe que a obra "*A Mocidade de Trajano*" de Visconde de Taunay constrói uma representação das figuras de um Brasil em transição, demonstrando a presença do momento histórico enquanto influência na criação literária. Desde o momento inicial da obra é percebido detalhes históricos onde o escritor dialoga com um período da história brasileira, tocando em temas como: a escravidão, as primeiras propostas de colonização com base na imigração estrangeira e o anticlericalismo. Os Estudos Culturais tem por objetivo compreender a cultura em toda a sua complexidade e analisar o contexto político e social, que é o lugar onde se manifesta a cultura. Entende-se, portanto, que a presente obra, contribui ao representar o papel histórico-literário focando uma etapa particular do desenvolvimento social e político brasileiro, bem como, de várias rupturas nas quais estava passando o Brasil no século XIX. Para tanto este trabalho propõe uma análise, notadamente, acerca do aspecto da representação histórico-literária e as práticas culturais do período.

PALAVRAS-CHAVE: *A Mocidade de Trajano*. Escravidão. Colonização. Anticlericalismo.

A leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência: ela é uso do corpo, inscrição em um espaço, relação consigo ou com o outro (CHARTIER, 2002, p. 70).

Introdução

Os estudos culturais, em suas diferentes formas de representação, dentre elas, a literatura, contribuem para se compreender, principalmente, o comportamento dos indivíduos e suas construções coletivas, visto que a sociedade é composta por múltiplas e complexas realidades. Nesse processo, os grupos constroem sua identidade e elaboram sentidos para o mundo em que se encontram inseridos. Dessa forma, olhar para os fatos do século XIX a partir da representação literária, no caso, *A Mocidade de Trajano*, de Visconde de Taunay, é contribuir para o estímulo e o desenvolvimento dos estudos histórico-literários por conter depoimentos na obra que representam a sociedade e os costumes de uma época no Brasil, conduzindo-nos à compreensão de uma nova visão de mundo através destas transformações. É, portanto, pelo olhar dos referenciais teóricos dos Estudos Culturais que apresentamos o texto a seguir. A análise também procura perceber como o romancista Taunay representa literariamente fatos que marcaram a história do Brasil.

Alfredo de d'Escagnolle Taunay, O Visconde de Taunay, nasceu em uma família aristocrática de origem francesa no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1843 e faleceu também no Rio de Janeiro em 25 de janeiro de 1899. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de

¹ Mestranda em Letras/Literatura e Práticas Culturais pela UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados – miss_roseprado@hotmail.com

² Professora Adjunta da Universidade Federal de Dourados - UFGD. alexandrasantospinheiro@yahoo.com.br.

Letras, onde criou a Cadeira nº 13, que tem como patrono Francisco Otaviano. Engenheiro militar, professor, político, historiador, sociólogo, romancista e memorialista, filho de Félix Emilio Taunay, Barão de Taunay (um dos preceptores de D. Pedro II), e de Gabriela de Robert d'Escragnoille. Seu avô, o famoso pintor Nicolau Antônio Taunay, foi um dos chefes da Missão Artística Francesa de 1818.

Publicado em 1871, sob o pseudônimo de Sylvio Dinarte, *A Mocidade de Trajano* foi o primeiro romance de Visconde de Taunay. O livro permaneceu por um período de 113 anos sem contar com uma nova edição. Talvez, por causa disto, tenha sido uma das obras menos conhecida do autor e tão pouco estudada dentre os seus textos ficcionais. Foi reimpresso, apenas uma vez, em 1984, pela Academia Paulista de Letras que nele observou uma valiosa fonte histórica dos costumes e das práticas políticas e sociais vigentes no período por demonstrar “dados e observações que iluminam uma época da vida paulista e brasileira” (BRUNO, 1984, p. 12).

O enredo gira em torno da personagem Trajano. A partir dele se dão as relações na trama³.

Há um choque de pensamento entre ele e seu pai, principalmente quando o protagonista volta da Europa tendo experimentado no exterior pensamento libertário, mas, ao regressar ao Brasil encontra em seu pai a figura do velho senhor de escravos. Após a morte de sua mãe que vivia a resignação diante da autoridade do marido, o protagonista vai estranhar em seu pai a figura de um homem cego de amores pela jovem esposa.

Ao assumir o controle da Fazenda de seu pai, Trajano vai tentar impor as ideias apreendidas na Europa. Os escravos deixam de sofrer castigos físicos, tornam-se livres para circular no quintal, para dar festas etc. A postura desperta o olhar de seus vizinhos, principalmente quando envia um de seus escravos, acusado de atentar contra a vida do feitor Ferrugem para ser julgado em Campinas:

Trajano levou avante as suas idéias; sujeitou o escravo ao processo regular; mandou fazer corpo de delito em Ferrugem; enviou a Campinas alguns parceiros do réu para servirem de testemunhas informantes nas primeiras averiguações e auxiliou por todos os meios a ação da justiça. Sem o saber, foram estas medidas provocando grande celeuma entre os fazendeiros vizinhos, que viam nestes escrúpulos uns, motivo de riso, outros, simples extravagância e mania européia; poucos aplaudiram a medida; entretanto, do lado desses poucos estava a razão porque o abalo no geral dos escravos foi sensível e incomparavelmente superior ao que teria produzido a execução por meio do chicote, ainda quando dela resultasse a morte do paciente (TAUNAY, 1984, p. 167).

Entre os escravos, a nova proposta, de acordo com as descrições do narrador, também causa confusão e contratemplos:

[...]. O homem, já que o escravo é também homem, sujeito à escravidão, perde naturalmente gosto pelo esforço que lhe não aproveita diretamente e só movido pelo temor ou por um desejo baixo de agradar é que desenvolve uma aparente atividade, nunca comparável com a que dimana daquele que é livre e não precisa de instigações impróprias de sua dignidade (TAUNAY, 1984, p. 162).

Frustrado em não conseguir sucesso com sua forma de administrar a Fazenda e certo de que não teria mais a chance de se casar com Amélia, Trajano Sobral apresenta-se como voluntário na guerra contra ao Paraguai: “- Infeliz moço! – exclamou o vigário Caldas,

³ Por causa da traição de uma escrava, Trajano vê interrompido o seu amor por Amélia, que, por sua vez, é obrigada a se casar com um homem que não amava e que não lhe amava, com quem passa a viver dias terríveis. A relação entre Amélia, Trajano e a escrava é um tema que desenvolveremos em breve.

enxugando uma lágrima – tão jovem ele... – Sempre foi caipora! – concluiu um dos presentes. Tal foi a oração fúnebre de Trajano Casimiro Sobral” (p. 237)

A ação romanesca ocorre na região localizada entre Jundiaí e Campinas/SP, entre 1852 e 1869, período da história brasileira que ocorre, dentre outros fatos, questões políticas e sociais, discussões sobre a escravidão, o surgimento das primeiras propostas de colonização baseadas na imigração estrangeira, as quais foram defendidas por Taunay durante toda a sua trajetória política; ideias anti-religiosas são também enfatizadas na escrita do autor. Com base em *Memórias* (Taunay, s/d), acreditamos que o material para o romance teria sido colhido durante dois meses de 1865, por ocasião da permanência das forças expedicionárias, às quais estava integrado o romancista, na condição de engenheiro militar, em Campinas.

Para Ernani da Silva Bruno, (1984, p.07), esta foi uma obra na qual Taunay se arriscou a patentear ideias de livre pensador e trabalhou também os costumes políticos e as práticas de devoção. Segundo Neves & Ourique (2010, p. 02), Visconde de Taunay foi consagrado pela crítica como sendo um dos maiores escritores brasileiros no século XIX (período este de transição do Romantismo para o Realismo), tendo em vista que sempre foi mencionado nas principais obras de história de literatura brasileira. Na obra *A Mocidade de Trajano*, o autor trabalha a representação de uma época em que o Brasil passava por várias transformações no âmbito social, político e também literário. Em alguns momentos da narrativa, abre-se espaço para descrever, de forma minuciosa, o trabalho dos negros e suas indumentárias. Da descrição, não escapam o penteado e as vestes das mucamas. *A mocidade de Trajano*, ao destacar de maneira minuciosa os costumes e vivências do negro da época, deixa transparecer o não apoio ao sistema escravocrata. O que também pode ser percebido quando dá voz ao preto velho, relembando suas crenças, conselhos e histórias africanas. O tom crítico encontra-se, ainda, na reflexão acerca dos ex-escravos que, ao se transformarem feitores, assumem atitudes cruéis em relação aos seus próprios irmãos negros.

No que tange à representação em termos conceituais, a palavra vem do latim e é um termo recheado de significados sendo, portanto, de grande relevância para o desenvolvimento dos Estudos Culturais e Literários. De acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, a representação é conceituada como: "conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento". Roger Chartier (1990), ao tratar a representação em sua obra *História Cultural: entre práticas e Representações*, afirma que os historiadores nas décadas de 1950 e 1960 acreditavam que o saber inerente à história devia sobressair à narrativa. Enfatiza, ainda, que o mundo da narrativa era o mundo da ficção, do imaginário, da fábula. O papel das representações na História Cultural é importante para "identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler" (Chartier, 1990 p.17). Para ele, o próprio ato de "representar" é uma prática social e as práticas sociais não podem ser compreendidas sem as mediações simbólicas que constroem o mundo como representação por sujeitos e coletividades:

Desta forma pode-se pensar a história cultural do social tomando por objetivo a compreensão das formas e dos motivos, isto é, partindo das representações do mundo social, na qual os atores que dela fazem parte possam traduzir as suas posições e interesses de forma objetiva, e que de forma paralela, descrevem a sociedade tal como pensam que ela seja, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 1990, p.16, grifo nosso).

De acordo com o teórico, portanto, não se constrói a "realidade social" em dado lugar e momento, nem é possível que ela seja pensada e dada a ler, a não ser a partir de elementos socialmente disponíveis. Portanto, no que se refere à vida social, podemos tomar por objeto as formas e os motivos das suas representações e refleti-las enquanto análise. Na obra *À beira da falésia* (2002), Chartier aprofunda o debate acerca do conceito e afirma que “a representação é a exibição de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa” (p. 74). Ou seja:

[...]. Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediatamente “pela pintura de um objeto”, “Pelas palavras e pelos gestos”, “por algumas figuras, por algumas marcas” – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias (CHARTIER, 2002, p. 74).

Apoiado na teoria de Marin, Chartier destaca a importância da representação para compreender as lutas simbólicas que substituem a violência bruta. A imagem teria, nesse sentido, o poder de destruir ou, às vezes, de substituir signos que “só precisam ser *vistos, constatados, mostrados* e depois *contados e recitados* para que se *acredite* na força de que são os efeitos” (p. 178). Esse processo de construir imagens, de representar o ausente, incidiria no processo de fixação de condutas morais:

[...]. A relação de representação é assim turvada pela fragilidade da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os sinais visíveis como indícios seguros de uma realidade que não existe. Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, em um instrumento que produz uma imposição interiorizada, necessária lá onde falta o possível recurso à força bruta (CHARTIER, 2002, p. 75).

A historiadora Sandra Pesavento (1995), ao tratar da relação entre História e Literatura, aborda que embora haja diferentes objetivos na construção da identidade, tanto a História quanto a Literatura apresentam o mundo social como representação e conceitua:

A ficção não seria o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador [...]. Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta [...] o que nela resgata é a re-apresentação do mundo que comporta a forma narrativa (PESAVENTO, 1995, p.117).

Desta forma, ela entende que, a partir deste conceito de representação, é possível incluirmos a Literatura como uma fonte histórica. Segundo esta linha de pensamento, entendemos que o texto literário pode servir como uma representação que expõe a sociedade de uma época por meio do seu contexto histórico, da descrição dos personagens, da forma como os mesmos se comportam e, por fim, por meio da estrutura em que o enredo é construído. Ramos (2010) afirma que tanto a Literatura como a História refletem a memória, a lembrança daquilo que foi, recordam o passado através de uma narração verossímil, construída com a ajuda da imaginação, servindo a uma releitura das questões do presente. Para ele, a Literatura admite e valoriza seu aspecto fictício, reivindicando o poder da imaginação na interação entre passado e presente.

É importante observar que um dos pontos relevantes na escrita de Taunay dá-se pelo fato da vivência do escritor dentro do período em que escreveu suas obras, ou seja, embora ele tenha separado os fatos de sua vivência pessoal da sua obra ficcional, foi por meio do conhecimento vivido e dos lugares por onde andou que buscou retratar uma literatura fiel ao mundo narrado em suas ficções. No tocante a isto, Neves & Ourique destacam:

(...) é necessário ressaltar que, em literatura, o conhecimento do real e a descrição pautada no real não bastam para considerá-la como superior a uma literatura criada pelo viés da imaginação. O que dizer da literatura fantástica, por exemplo, ela é inferior ao romance histórico? O que dizer de Mário de Andrade, estudioso de gabinete, como se refere Taunay à Alencar, que compôs a partir de seus estudos uma literatura capaz de dialogar e representar todo um imaginário cultural do interior do Brasil? (NEVES & OURIQUE, 2010, p.05).

No livro “*Tempo e Narrativa*”, Paul Ricoeur busca os traços da experiência humana no interior da narrativa, seja ela historiográfica ou ficcional. Para ele, a chave para o entendimento da função narrativa está no caráter temporal da experiência humana, conforme vemos a seguir:

O mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal (...) o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal (Ricoeur, 1994, p.15).

Antonio Candido, por sua vez, traça uma fronteira entre a invenção e a realidade, que para ele em literatura são muito tênues quando afirma que "deveríamos reconhecer que, de maneira geral, só há um vínculo eficaz de personagem, a inventada; mas que esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca" (Candido, 1970, p. 69). Para o crítico, a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, modificada de acordo com a concepção do escritor, bem como com sua estética ou possibilidades criadoras. Ressalta ainda que a declaração de um criador a respeito de sua própria criação é ilusória. Candido entende que todas as personagens são inventadas e que a ilusão do escritor de estar criando algo com base na realidade pode conduzi-lo a criar algo inventado. Isto é, ao criar, o escritor chega à composição de uma personagem que adentra a realidade de vários leitores. Por fim, Antonio Candido considera que a estrutura do romance como um todo é que vai delimitar o verossímil:

O que julgamos inverossímil, segundo padrões da vida corrente, é, na verdade, incoerente, em face da estrutura do livro. Se nos capacitarmos disto – graças à análise literária – veremos que, embora o vínculo com a vida, o desejo de representar o real, seja a chave mestra da eficácia dum romance, a condição do seu pleno funcionamento, e portanto do funcionamento das personagens, depende dum critério estético de organização interna. Se esta *funciona*, aceitaremos inclusive o que é inverossímil em face das concepções correntes (Candido, 1970, p. 77).

Ao considerar Taunay um "homem de pouca fantasia e muito senso de observação", conforme descrito por Bosi (2006, p. 145), acreditamos que a história de Trajano Sobral constrói uma representação histórico-literária através das figuras de um Brasil em transição, bem como aborda aspectos políticos, sociais e morais da época. Ao se contrapor às ideias de *mimesis* dos estruturalistas, Compagnon afirma que: “a ambição da literatura, fundada na *Mimèsis*, era relatar de maneira cada vez mais autêntica a verdadeira experiência dos indivíduos, divisões e conflitos opondo o indivíduo à experiência comum” (COMPAGNON, 2010, p. 105). No final de sua arguição, defende que:

[...], reintroduzir a realidade em literatura é, uma vez mais, sair da lógica binária, violenta, disjuntiva, onde se fecham os literatos – ou a literatura fala do mundo, ou então

a literatura fala da literatura-, e voltar ao regime do mais ou menos, da ponderação, do aproximadamente: o fato de a literatura falar de literatura não impede que ela fale também do mundo. Afinal de contas, se o ser humano desenvolveu suas faculdades de linguagem, é para tratar de coisas que não são da ordem da linguagem (COMPAGNON, 2010, 123)

Ao analisar Machado de Assis, Gledson (1986, p. 20) trata desse período da história brasileira como sendo anos críticos, nos quais "não faltaram acontecimentos importantes: a Guerra do Paraguai, a Lei do Ventre Livre e a fundação do Partido Republicano". Segundo ele, em 1871, usando como exemplo a Lei do Ventre Livre - foi "um foco perfeito de ambiguidades e fracassos na História do Brasil, pelo menos no século XIX". De 1850 a 1888 foi um período em que se faziam presentes várias crises no contexto histórico-social no país e que houve uma tentativa de reformar o sistema social que, além de injusto e desumano, estava já ultrapassado.

Entendemos, portanto, que a obra *A Mocidade de Trajano* constrói uma representação histórico-literária ao focar temas políticos e sociais da época, tais como o acirramento das discussões sobre a escravidão, o surgimento das primeiras propostas de colonização com base na imigração estrangeira e o anticlericalismo, os quais representam pontos relevantes na criação artística de Taunay.

A Escravidão no Brasil

Dentro do contexto de crise nacional onde o Brasil experimentava várias transformações no final do século XIX, Taunay publica *A Mocidade de Trajano* e representa nesta obra, através das suas personagens, o tema: escravidão.

O sistema escravagista e a degradação do escravo, bem como, a do senhor, é um dos temas que sobressaem no romance que atua em forma de denúncia e do qual Taunay sugere uma postura bastante idealista quando retrata o episódio que mostra que apesar dos senhores de escravos serem vistos como homens ociosos, gastadores e extravagantes, sabiam o valor da perda quando por um minuto um escravo lhe roubava o tempo:

Numa das inspeções, Ferrugem notou que um negro abandonara o ancinho e, sentado tranqüilamente à sombra de um cafezeiro, fumava às escondidas o seu cachimbo. O africano sentia-se tão enlevado em ter furtado alguns momentos de descanso ao seu senhor que não viu o feitor avançar ao seu lado, com as faces incendidas de cólera e de chicote levantado. - Cachorro! - gritou Ferrugem. - Que fazes? Malandro, sem vergonha! (TAUNAY, 1984, p. 162).

Na sequência deste episódio o narrador traça com detalhes o sofrimento do escravo quando descreve que todo trêmulo deixou cair o cachimbo, quis fugir, porém, o feitor o enlaçou com o chicote fazendo-o urrar de dor e, facilmente derrubado, foi amarrado de pés e mãos:

O escravo, amarrado solidamente a um pé de peroba, abarcava o tronco com os braços e pernas distendidos, ficando todo enleado por cordas de embiras e cipós. Chegaram os varapaus e as pauladas começaram a chover sobre o corpo do desgraçado que, ao princípio, procurou não gritar. Gemia surdamente e torcia dolorosamente o pescoço; mas depois, vencido pela dor, prorrompeu em exclamações: - Sr. Feitor, não me mate! ... não me mate! Me perdoe por esta vez... por sua mãe... por seu pai me perdoe... Oh! Já gritas? - disse com voz de triunfo Ferrugem - já gritas! (TAUNAY, 1984, p. 163).

Durante o castigo, os outros negros fingiam trabalhar; olhavam para o castigado com curiosidade misturada de compaixão; outros tinham os olhos brilhantes de rancor e desespero. O escravo surrado "clamava em altos berros: – Chamem!... Chamem meu senhor moço... Nhonhô... Acuda o seu negro [...] A voz perdia-se exausta entre os cafezais. O suplício continuava..." (Taunay, 1984, p. 164).

Taunay retrata, em forma de denúncia, o sofrimento humano causado pela força das chibatadas e da crueldade que se praticava com os escravos. Amélia, mãe de Trajano - protagonista do romance, no que se refere aos escravos, vê o fato como sendo algo natural e resistente a qualquer questionamento, pois sendo neta, filha e esposa de fazendeiros representa a história da perpetuação dos valores oligárquicos brasileiros durante o século XIX.

Tratava bem a seus escravos, para ela, tão pura, tão justiceira, nada mais era do que um preceito de moral. A filha, a neta de fazendeiros chegava até a invejar deles uma coisa - a vitalidade - como a invejava da árvore, do cão ou do gato. Achava que eles nada mais podiam desejar como a árvore, o cão, o gato a quem se dá o trato e alimento para ter o fruto, a casa vigiada ou estar livre dos ratos. - Ana - perguntou ela um dia a uma sua cria - trocarias a tua saúde por alguma coisa deste mundo? - Ó minha senhora, dava a minha vida para poder ser forra uma semana! - Pois falta-te aqui alguma coisa? - observou Amélia meio irritada. - Nada, Nhanhã, nada - respondeu confusa a escrava. Então, por que dizeis isto? A pardinha, quase chorando, retorquiu a custo: - Não sei... - e acrescentou: - Foi sem pensar. Amélia todo o resto da semana ficou enfadada com esta rapariga, que ousava pedir a Deus favores tão extraordinários e para cuja aquisição não havia nascido (TAUNAY, 1984, p. 25).

Para John Gledson seria "uma etapa particular do desenvolvimento social e político do Brasil, no século XIX" e que teria configurado:

um *ancien régime*, com domínio de uma oligarquia segura de si, baseada na escravidão - domínio que pôde ser mantido com relativa facilidade, embora por vezes com a consciência da possibilidade de uma rebelião ou, simplesmente da necessidade de uma auto-justificação (GLEDSON, 1986, p.17).

Na esteira de Maretti, a doença da mãe de Trajano "indicia o questionamento histórico da possibilidade dessa perpetuação ou a contradição que o sistema escravocrata passou cada vez mais a significar frente aos apregoados valores liberais" (Maretti, 2006, p. 125). Essa contradição dá-se pelo fato de que o país entrava num processo histórico que propunha profundas transformações dos valores nacionais, ou seja, segundo Cury (2001) os republicanos liberais num Brasil até então escravocrata e ruralista preconizavam, sobretudo, a construção de uma nação moderna e urbana voltada para o desenvolvimento e o progresso. No final do século XIX e início do século XX, o cenário brasileiro estava apenas começando a industrializar-se e havia então um contraste: o analfabetismo, os resquícios da escravidão, a mão de obra desqualificada e a política oligárquica das elites. Nesse processo de transição, ocorre também a colonização do país através dos imigrantes estrangeiros, os quais viviam, na Europa um momento turbulento enfrentando a opressão fiscal, o desflorestamento, a política comercial, o desemprego, as deficiências dos sistemas econômicos que eram incapazes de garantir trabalho para todos e viam na América o grande "escape" de tal crise. O Brasil, por sua vez, na tentativa de substituir a mão de obra escrava, abre suas portas para os imigrantes, conforme trataremos no próximo assunto.

A Colonização com base na Imigração Estrangeira

Outro detalhe significativo nesta obra ficcional é o surgimento das primeiras propostas de colonização com base na imigração estrangeira.

José Veríssimo, historiador-literário e crítico da época, assinalava que em *A Mocidade de Trajano* havia páginas do ativíssimo sócio da Sociedade de Imigração ou do político militante, conforme o fragmento a seguir:

Taunay, a quem tive a ventura de conhecer de perto, não obstante a sua dupla origem estrangeira, era um genuíno brasileiro de índole e sentimento. Não lhe faltavam sequer sinais das nossas peculiaridades, o que lhe completava a caracterização nacional. A sua literatura de inspiração, sentimento e intenção brasileira é a expressão sincera desta sua feição. O seu europeísmo ainda muito próximo, apenas lhe transparece no ardor com que, apesar de conservador de partido, se empenhou por idéias liberais que a seu ver deviam atrair e facilitar a imigração européia, da qual foi ardoroso propugnador. (...) Quer neste, quer em Inocência, que se lhe seguiu de perto, atenua-se a sentimentalidade excessiva e o romanesco do romance em voga. Paisagens e costumes são descritos com mais senso da realidade e mais sobriedade e exatidão de traços. E não somente a sua representação interessa ao autor, senão também aspectos políticos, sociais e morais, que ressaíam da ação, das personagens ou dos usos. Não se libertara ainda da preocupação doutrinal dos seus antecessores, tinha-a, porém, com mais largueza espiritual e mais desenvoltura de expressão. Em *A Mocidade de Trajano* havia manifestações de livre-pensamento e sátira quer aos nossos costumes políticos, quer a práticas devotas, desusadas na nossa ficção. (VERÍSSIMO, 1929, p. 164).

No tocante a isto, Silvio Romero configurou a posição de Alfredo d'Escagnolle Taunay: "Taunay, francês de origem (...) queria a colonização teutônica, pela ânsia de nos ver crescer e prosperar" (Romero, 1943, p. 62).

Segundo Giralda Seyferth, "a imigração européia afigurava-se, como um recurso óbvio para promover o desenvolvimento da nação através do povoamento de regiões consideradas "vazias" ou da substituição da mão de obra escrava nas grandes propriedades". De acordo com Norma Wimmer (2002, p.02), "a grande imigração e grande naturalização foram defendidas por Taunay durante toda a sua trajetória política". Podemos identificar essa afirmação representada na obra no período em que Trajano esteve na Europa e de lá envia cartas para seu pai Roberto Sobral. Numa dessas cartas, propõe a substituição da escravatura pelo trabalho assalariado e pela imigração, conforme modelos sugeridos por Fourier⁴:

Agradam-me as teorias de Fourier: se as pudéssemos empregar! Os pais roteando as terras, as mães costurando, os meninos descascando cenouras e ajudando o serviço de um imenso falanstério, em que todos vivessem formando uma só família. (Taunay, 1984, p.118).

Depois de Trajano regressar ao Brasil, vivenciar sua estada na fazenda da "Mata Grande", a convivência com os escravos após a morte de sua mãe, sua ida à Guerra do Paraguai, culminando com sua morte, as mesmas ideias fourieristas serão retomadas no testamento deixado por ele:

⁴ Fourier preconizava a divisão da sociedade em "falanstérios"; nestes, a produção seria associativa, a distribuição dos bens seria feita conforme as necessidades; o trabalho jamais deveria ser considerado uma punição na medida em que as aptidões individuais seriam respeitadas. Nos "falanstérios" haveria repartição proporcional do produto entre talento, capital e trabalho. O fourierismo não era desconhecido no Brasil (Wimmer, 2002, p.02).

A cópia do meu testamento está na canastra; quero que seja fielmente cumprido. Forro todos os meus escravos... Meu testamenteiro mande dividir minhas terras em prazos que serão distribuídos a colonos. Não tenho herdeiros forçados. Minha herança pertence à liberdade. Aquela fazenda da 'Mata Grande' há de mudar de nome: chamar-se-á: Esperança. Ouviste? (Taunay, 1984, p. 237).

Ao adotar o trabalhador estrangeiro, na verdade, adota-se um sistema como intermediação entre a escravidão e o trabalho livre. Do lado dos fazendeiros, estes exerciam excessivo o patriarcalismo que revoltava os colonos, pois não estavam acostumados ao controle com que os fazendeiros estavam habituados a tratar os escravos. Eram forçados a longas jornadas de trabalho diário, com custo mínimo para sua alimentação, vestuário e alojamento, além do exercício de severo controle sobre sua movimentação. A própria vida privada dos imigrantes era objeto de "zelo" do fazendeiro.

De acordo com Everaldo Valim Pereira de Souza, reportando-se às considerações do Conselheiro Antonio da Silva Prado⁵, as consequências da abolição dos escravos em 13 de maio de 1888 deixaram sem amparo os ex-escravos:

Segundo a previsão do Conselheiro Antonio Prado, decretada de afogadilho a "Lei 13 de maio", seus efeitos foram os mais desastrosos. Os ex-escravos, habituados à tutela e curatela de seus ex-senhores, debandaram em grande parte das fazendas e foram "tentar a vida" na cidade; tentame aquele que consistia em: aguardente aos litros, miséria, crimes, enfermidades e morte prematura. Dois anos depois do decreto da lei, talvez metade do novo elemento livre havia já desaparecido! Os fazendeiros dificilmente encontravam "meieiros" que das lavouras quisessem cuidar. Todos os serviços desorganizaram-se; tão grande foi o descalabro social. A parte única de São Paulo que menos sofreu foi a que antecipadamente, havia já recebido alguma imigração estrangeira; O geral da Província perdeu quase toda a safra de café por falta de colhedores! (SOUZA, 1946, p. 34).

Segundo Decca & Lamaire (2000, p. 12), tanto a literatura como a história "ao oferecer modelos de comportamento, participam do processo histórico, político e social da definição das identidades nacionais, sociais e individuais". Neste viés, observamos que Taunay foi um escritor que não somente descreveu acontecimentos da história como também foi testemunha ocular desses fatos, talvez por isto tenha conseguido expressar o contexto histórico-cultural tão presente em *A Mocidade de Trajano*.

Outro ponto a ser analisado na obra de Taunay reporta à questão do clero, pois a igreja era vista como uma instituição que não podia ser contestada. Contudo, a obra de Visconde de Taunay, por meio da voz de suas personagens, questiona o lugar da igreja diante das atrocidades cometidas ao longo dos anos. Trajano traz da Europa um novo olhar, que demonstra sua indignação e indiferença quanto às atitudes clericais, tema abordado no próximo tópico.

O Anticlerialismo

⁵ Atas Terceiro do Conselho do Estado. Fonte: http://www.senado.gov.br/publicações/anais/pdf/ACE/ATAS12-Terceiro_Conselho_de_Estado_1884-1889.pdf

Notamos, também dentre as intrigas do romance, certo comportamento de resistência ao clero, pois o protagonista Trajano Sobral num determinado momento se indis põe com os frades da região onde mora.

Esses frades residem ali com a missão catequizadora. O narrador, por sua vez, deixa entrever de forma crítica os métodos adotados pelos frades, sob a liderança de Frei Cândido Sparromechi, no que se refere ao clero e às práticas devotas:

O principal frade do grupo catequizador chamava-se Cândido Sparromechi. Era alto, magro e ainda moço; tinha aspecto ascético e por vezes inspirado, olhar indagador, brilhante, nariz adunco, pele amarelada e cortada de rugas, cabelos crescidos, bem como a barba, que lhe vinha até quase a cintura. Trajava sempre hábito talar sobre o corpo, amarrado com grosseiro cordão branco, de onde pendiam relíquias e rosários de contas grossas. O seu tipo inspirava, senão confiança, pelo menos respeito, que com pouco podia mudar-se em temor. Sua palavra era fácil, natural; entretanto, o pouco conhecimento da língua em que orava, o sotaque e a ignorância mais completa de tudo, a cada momento embaraçavam as suas frases e desnaturavam pensamentos que intencionalmente podiam ser excelentes. Nas prédicas usava ele de linguagem a mais rasteira, das expressões as menos próprias e decentes, sem importar-se com os cacófagos, dissonâncias e solecismos capazes de provocar o riso nos mais indulgentes e devotos, caso não tivessem eles subjugados pelo império de pesado fanatismo ou pelo vigor das teorias terroristas que ouviam. Os dois companheiros de frei Cândido eram-lhe ao lado pálidas figuras, quase comparsas. Um tendia para a degenerescência gordurosa, e pelas maçãs no rosto e ponta de nariz via-se claramente o profundo amor que consagrava aos inocentes passatempos da mesa. O outro tinha o olhar ávido de um milhafre; instintivamente procuravam-se-lhe nos dedos unhas compridas e retorcidas, como soem ter as aves de rapina (TAUNAY, 1984, p.177).

Bruno acredita que um dos motivos da obra *A Mocidade de Trajano* permanecer por 113 anos no anonimato seja possivelmente pelo fato de ser esta uma ficção cuja divulgação não se julgava conveniente na época, "por conter referências menos nobres a padres" (Bruno, 1984, p. 09, *grifo meu*).

Lídia Maretti (2006, p.133), afirma que sob a luz dos biógrafos do escritor, várias tendências anticlericais se fazem presentes nas obras de Taunay, não somente em *A Mocidade de Trajano*, mas, também em *Inocência* (1872), nas quais o autor representa a luta pela secularização dos cemitérios e pelo casamento civil, tendências estas, questionadas e condenadas na época. De fato, Taunay descreve em várias ocasiões por meio das personagens, demonstrando o clero acomodado e explorando a fé e a ingenuidade dos fiéis:

Os dois acólitos recolhiam as dádivas, ofertas e promessas que a eloquência de frei Cândido fazia brotar durante a viagem. Um comia os presentes de vitualhas com tanto gosto, tanta exultação, quanto o outro arrecadava ouro e prata recebidos em troca de cruzes bentas de Roma, relicários feitos de encomenda e preces contra a peste, raios, inimigos e até invasões de formigas saúvas (TAUNAY, 1984, p.178).

É interessante observar a maneira como Taunay, com intensa habilidade descritiva, mostra a forma como o clero sabia selecionar o público que lhes renderia sucesso e êxito em sua missão. Observamos, também, a sensibilidade que tinham para discernir que encontrariam maior receptividade nas cidades do interior, do que nas grandes cidades, tendo em vista a forma como eram recebidos nesta última, conforme o texto reproduzido a seguir:

Acolhidos em Santos com algidez, em S. Paulo com indiferença, depressa haviam deixado aquelas cidades, que por eles ficaram ameaçadas da cólera celeste. Recebidos, porém, melhor, à medida que se apartavam do litoral, tinham já posto em execução seus planos de império, comezainas e economia. Os fazendeiros, a pobreza, sobretudo, davam-lhes agasalho respeitoso, comida e dinheiro. (...) O povo corria de muitas léguas para vir ouvir a frei Cândido; o vinho e os víveres eram ofertados a frei João na medida de seus desejos e fizera-se tal consumo de contas e cruzeiras bentas, que frei Ângelo falava em buscar um novo sortimento de Civita-Vecchia. As mulheres principalmente mostravam extrema exaltação durante aquelas pregações. De todas as fazendas circunvizinhas, concorriam esposas, mães, filhas e escravas dos mais abastados proprietários às novenas e terços dos frades capuchinhos (TAUNAY, 1984, p.178).

Ainda mencionando a questão do religioso percebemos que, muitas vezes, esse tema é representado por uma religiosidade de aparência tipificada em algumas de suas personagens conforme expressa o narrador:

A comoção que em toda aquela zona produzia a missão Sparromechi repercutiu na fazenda da Mata Grande. Por curiosidade foi Ester uma tarde ouvir o frade; e afinal não perdeu uma só prática, de tão impressionado que trouxera o espírito com as increpações e acusações à frágil humanidade. Havia seu fingimento; mas a vida irregular criminosa, que até então tivera a predisposição, na posição que assumira, à superstição, e de tão bom terreno não podia a palavra de frei Cândido deixar de colher valiosos frutos, tanto mais quanto a idade e os projetos favoreciam as tendências de sua nacionalidade. Procurou em particular os frades, que a receberam com benevolência; frei Cândido, como pecadora que convinha salvar, os outros dois como fonte de ótimas propinas (TAUNAY, 1984, p.179).

O detalhamento minucioso das atitudes dos religiosos denota, nas expressões do narrador, as manifestações anticlericais neste romance ficcional de Visconde de Taunay, representando, quem sabe, a posição de alguns grupos sociais da época.

Considerações Finais

Diante do exposto, entendemos que Visconde de Taunay representa na obra acontecimentos e pensamentos abolicionistas do século XIX, pontuando fatos, datas, processos e detalhes históricos em toda a trajetória de sua narrativa.

Desta forma, entendemos, à luz de uma bibliografia teórica dedicada ao assunto, que *A Mocidade de Trajano* é uma obra ficcional que pode contribuir para o estímulo e o desenvolvimento dos estudos histórico-literários por conter depoimentos que representam a sociedade e os costumes do interior paulista, abordando os aspectos do meio rural daquela região; o regime de trabalho escravo nas grandes fazendas; traçando perfis de figuras que eram quase que estereótipos comuns a quase todas as fazendas de tradição escravocrata no Brasil. Figuras, que também, em muitas ocasiões denotam uma profissão de fé no abolicionismo quando o autor se refere à maneira como os escravos eram tratados e a condição de vida a que estavam sujeitos. Enfim, no romance também, vemos representado o surgimento das primeiras propostas de colonização com base na imigração estrangeira, e todo o processo de rupturas políticas e sociais nas quais o Brasil estava passando naquele período.

Referências:

- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- BRUNO, E. S. *Um livro de interesse literário e documental (prefácio)*. In: Taunay, Visconde de. *A Mocidade de Trajano*. 2a. ed. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1984.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.
- CANDIDO, A. *Personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1990.
- COMPAGNON, Antonio. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão & Consuelo Fortes Santiago. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
- CURY, C. R. J. *Cidadania Republicana e Educação: governo provisório do Mal. Deodoro e Congresso Constituinte de 1880-1891*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- DECCA, E. S. & LAMAIRE, R. *Pelas Margens: outros caminhos da História e da Literatura*. Campinas, Porto Alegre: Ed. Da Unicamp, UFRGS, 2000.
- GLEDSON, J. *Machado de Assis: Ficção e História* (Tradução de Sônia Coutinho). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MARETTI, L. L. *O Visconde de Taunay e os fios da memória*. São Paulo: Editora Unesp 2006.
- NEVES, F. L. S. ; OURIQUE, J. L. P. *A Força do Nacionalismo nas Leituras críticas da Literatura Brasileira do Século XIX: o caso de José de Alencar e do Visconde de Taunay*. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo: “A Literatura Brasileira: História e Ideologia”, Vol. 01, n. 15 (2002). Semestral (Jan./Jun. 2010) – Versão On-line – Disponível em: http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num15/art_06.php. Acesso em: 12.10.2010.
- PESAVENTO, S. J. *Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX)*. In: Revista Anos 90, Porto Alegre, n° 04, dezembro de 1995, p.117.
Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6158/3652>. Acesso em: 04 de dez. 2010.
- RAMOS, F. P. *História, Narrativa e Linguagem: uma filosofia da história*. Disponível em: <http://fabiopestanaramos.blospot.com/2010/09/historia-narrativa-e-linguagens-uma.html>. Acesso em: 04 de dez.2010.
- RICOEUR, P. *Tempo e Narrativa - Tomo I*. Campinas/SP: Papyrus, 1994.
- ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1943 Tomo I, pp. 296-298; Tomo V, pp. 101-108.
- SEYFERTH, G. *Assimilação dos Imigrantes no Brasil - inconstâncias de um conceito problemático*. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs00/00gt1>
Acesso em: 03. nov. 2010.
- SOUZA, E. V. P. *Reminiscência em torno do Antonio da Silva Prado*, Jornal O Estado de S. Paulo, 26 de fevereiro de 1940, transcrito em 1° Centenário do Conselheiro Antonio Prado. Editora Revista dos Tribunais, São Paulo: 1946.
- TAUNAY, A. E. *A Mocidade de Trajano*. Biblioteca Academia paulista de Letras. Volume 13. São Paulo: 1984.

TAUNAY, A. E. *Memórias*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

VERÍSSIMO, J. *História da literatura brasileira*. Lisboa: Typ. da Ilustração, 1929.

WIMMER, N. *Uma estréia no romance: A Mocidade de Trajano*. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo: “A Literatura Brasileira: História e Ideologia”, Vol. 01, n. 15 (2002). Semestral (Jan./Jun. 2010) – Versão On-line – Disponível em: http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num15/art_04.php Acesso em: 21.10.2010.